

MACHADO NA MESA: O DESPERTAR DO “SER PROFESSOR”

Bruno João Cá¹

Resumo:

O presente relato é síntese de uma atividade desenvolvida em uma das disciplinas Literaturas de Língua Portuguesa (Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, no curso de Letras-Português, 2016). A proposta inicial é debater alguns contos do escritor Machado de Assis, junto com os alunos de Ensino Médio de uma escola situada na cidade de Redenção, Maciço de Baturité, região sede da UNILAB/CE. Para tal, foi feito um convite à turma de acadêmicos de Letras, dando, assim, a cada um, oportunidade de decidir abraçar o desafio de exercer a docência ou não. Com a execução da atividade, vimos a importância de partilhar essa experiência diferente. Neste sentido, nós, acadêmicos, decidimos produzir relatos, de modo a poder difundir o resultado da atividade, bem antes de concluir o curso de Licenciatura em Letras e começar a carreira docente, estando a frente de uma turma de Ensino Médio. Posto isto, entendemos que debater Machado, sobretudo para os estudantes estrangeiros, é muito relevante, pois permite partilhar, criticamente, do contato com o escritor brasileiro supracitado. Na atividade, foram realizadas leitura e interpretação do conto “A Cartomante” (1884) e, a partir daí, buscamos fontes que ampliassem o nosso universo sobre a experiência de docência, a fim de entender com qual modelo do “ser professor” nos identificamos. Assim, nos baseamos nos depoimentos dos professores Mario Sergio Cortella (PUC-SP), Leandro Karnal (Unicamp) e Clovis de Barros Filho (USP), como também discutimos o modelo de educação em que este “ser professor” se refletiria, na tentativa de perceber nuances, na perspectiva, também de Freire (1996), Brandão (S.D.) e Maturana (1998).

Palavras-chave: Machado de Assis; literatura; experiência docente. sala de aula.

INTRODUÇÃO

Este relato tem como foco a divulgação da atividade desenvolvida numa escola de Ensino Médio, na cidade de Redenção, Maciço de Baturité,

região sede da UNILAB/CE. A empreitada foi fruto de um convite lançado à turma, durante a execução da disciplina de Literaturas de Língua Portuguesa, ofertadas no curso de licenciatura em Letras-Português, entre março a novembro (sistema trimestral, 2016).

Com a marcação da atividade e sua execução, nasceu a necessidade de divulgar, para além da turma, a experiência de estar atuando como professor, antes mesmo de terminar curso de licenciatura. Posto isso, nesse trabalho a ênfase se daria, sobretudo, no ser professor, principalmente, analisando as expectativas que marcaram essa empreitada e a impressão dos/as alunos/as que aceitaram esse desafio.

Sem deixar a linha mestra deste trabalho, também vamos nos deter nos primeiros tópicos que constitui esse relato, numa breve pincelada do conto “A Cartomante” (ASSIS, 1884). Este conto foi objeto de leitura, análise, debates, enfim, estudo crítico, para execução da nossa aula, tendo sido, também, lido pelos alunos da escola, por orientação do professor da turma.

Antes de adentrar ao fundo no enredo do conto, apresentamos um pouco do escritor/autor do texto, contexto da obra, para que, num segundo momento, de forma resumida falar sobre o desenrolar da trama do conto.

Analisamos o que é “ser professor”, baseando-nos em depoimentos de docentes do Ensino Superior, Mario Sergio Cortella (PUC-SP), Leandro Karnal (Unicamp) e Clovis de Barros Filho (USP), na seção “Sou Professor” - programa “Território Conhecimento” - para Leandro Karnal e Clovis de Barros Filho, e na explanação “Qual a postura do professor” de Mario Sergio Cortella, todos disponíveis em vídeo, na internet. Na qual encontramos modos semelhantes de pensar o “ser professor” com o grande pensador da educação Paulo Freire sobre o “Ser Professor”.

Observando as exposições dos docentes citados, com espaços na mídia, procuramos emitir os pontos de vista sobre o posicionamento e ensinamento dado por cada um deles sobre sua prática docente, com vista a melhor entender a expectativa desafiadora que, até agora, paira no desejo e anseio de lecionar/ministrar uma aula, ainda antes de nos tornarmos um

licenciado em Letras. E é exatamente sobre essa prática “meio leiga”, e em construção que trata o relato aqui exposto.

E não só, como buscamos no entendimento de Brandão (S.D.), Maturana (1998) e Freire (1996) adequar esse “ser professor” a alguns conceitos de educação com a qual alinhamos o nosso entendimento e que tomamos como mote da nossa jornada enquanto formandos nesse exercício contínuo do educar e ser educado, emprestando a terminologia de Paulo Freire.

Após esse preâmbulo, partimos para relatar como foi o percurso da atividade, descrevendo, desde o início, ou seja, como foram mantidos os contatos, quantos professores da escola aderiram ao projeto, o acolhimento na escola, a preparação da sala, a expectativa e anseios dos alunos e, da parte do estudante universitário, futuro docente, como foi essa experiência, e como a proposta realizada marcou a sua vida acadêmica.

1. ENTENDENDO “A CARTOMANTE”

Conto publicado pela primeira vez no jornal *Gazeta de Notícias* em 28 de novembro de 1884, está inserido no livro de contos ***Várias Histórias*** (1896, Apud SILVA & SALES, 2013 p.3). Narra um triângulo amoroso, envolvendo três personagens, Camilo, Vilela e Rita. Machado de Assis, aparentemente, tece uma narrativa que, nos dizeres de Moisés “é uma narrativa unívoca, unilateral, constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (MOISÉS, p.40 Apud SILVA 2014, p.17).

Escritor consagrado, Machado de Assis (1839-1908), nasceu no Rio de Janeiro, filho de mãe portuguesa e pai mulato. Ele, mesmo sendo mestiço, ascendeu socialmente, tornando-se funcionário público, repórter, tipógrafo, além de escritor de variados gêneros literários e jornalísticos. Foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente. Sua arte de escrever é tão singular que as mesmas não se

restringam “a ser enquadradas dentro da Literatura Brasileira, elas transcendem os limites do tempo e do espaço e ganham um caráter universal, daí o fato de ele ser considerado um escritor de estatura internacional”. (SILVA, 2014, p.7)

O conto em apreço é fruto da chamada segunda fase das obras de Machado, em que o autor, por meio da ironia, critica o comportamento da sociedade. Nele, podemos constatar aspectos da sociedade carioca da época, mostrados, por meio dos comportamentos, bem como análise psicológica dos seus personagens.

O enredo começa com a citação do escritor William Shakespeare, entoada por Rita a Camilo: “HAMLET observa textos de Horácio e afirma que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”. O narrador do conto (terceira pessoa), logo no início, testa a capacidade de quem irá ler o texto, ou seja, desafia o leitor: este não conseguirá prever o fim do conto.

Três personagens fazem o “trio amoroso”. No conflito, entra uma quarta personagem, a “cartomante”, que, muito astuta, conforta, com sua profissão, os momentos de angústia dos personagens Rita e Camilo, amantes, alvo de observação da vizinhança. Vilela e Camilo, amigos desde infância, se reencontram, anos após. Vilela seguiu o caminho de magistrado e Camilo, funcionalista. Rita, a mulher de Vilela, é amante de Camilo. Depois do primeiro encontro com este, com a vinda junto como marido para Botafogo, acabou conhecendo-o e apaixonando-se por ele.

Com a morte da mãe de Camilo, intensificaram-se mais os seus laços entre a Rita e Camilo, como podemos ler nesta passagem retirada do conto “Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor”.

Camilo começa a receber cartas anônimos chamando-lhe de adúltero e imoral e falando que todos sabem dos seus segredos, este pois, desconfiou e diminui a visita casa do amigo. Um dia, Camilo recebeu um bilhete de Vilela com a seguinte frase: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”, o momento é considerado o “clímax” do conto, no entanto, ele saiu

preocupado e desorientado, até cogitou ir armado, pensando que este lhe chamou para matá-lo. Foi, então, no caminho que decidiu ir à casa da cartomante e, depois de consultá-la, conforme essa sentença, “A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante”, observamos uma retomada de conforto espiritual de Camilo que decidiu tomar o tom do bilhete de Vilela como sendo “amigável”. Mas, afinal, ao contrário da previsão das “cartas”, o desfecho foi trágico, como podemos ler nesta passagem: “Entrando, Camilo não pode sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão”.

2. O “SER PROFESSOR”

Para o exercício da atividade, além de domínio de conteúdo, ou seja, Leitura crítica de machado de Assis, tomamos por referência as palavras de Mário Sérgio Cortella. Este afirma, em suas reflexões, e citando o “grande” Paulo Freire, “a educação não é para domesticar, mas, sim, para libertar, não é para alienar, mas é para oferecer autonomia”. Assim sendo, temos que compreender que o professor, enquanto uma parcela muito fundamental na educação de um sujeito, tem importância na execução desses valores. Dessa forma, vamos entender a palavra “grande”, aqui tomando como exemplo na fala de Cortella, “gente grande de verdade, aquele que sabe que é pequeno e por isso cresce”. Da mesma forma, ampliando o escopo, o professor, conforme o dizer de Rubens Alves, mencionado por Leando Karnal, é um plantador de “carvalhos”, ou seja, “basicamente é um apostador no futuro”, por educar uma pessoa para o futuro. Por isso, mesmo o professor Karnal dá ênfase ao caráter de futuro, de posterioridade, afirmando que o professor é condenado à esperança; a esperança naquilo que faz como algo revolucionador, mesmo que não vá mudar o mundo, mas lembrando que, como nos mostra Clovis Barros Filho, os professores marcam a vida dos seus alunos, sejam eles bons ou ruins. Com isso, queremos afirmar essa

importância transformadora que, em um dado momento, o professor pode exercer sobre os seus alunos.

Com efeito, o trabalho do professor, antes de tudo, exige, senão uma vocação, mas, pelo menos, uma predisposição, dado que é um professor somente e só “aquele que é antes de qualquer outra competência, tem a competência de amar os alunos, fazer por ele aquilo que só ele, professor poderia fazer” (Clóvis Barros Filho). Tendo em mente que, talvez, aquilo que o docente deixa de fazer naquele momento, ou de contar naquele momento, para aquele/as alunos/as, poderão estes/as nunca mais ter oportunidade de saber ou acessar tal coisa. Por conclusão, o trabalho docente exige paciência.

Retomando as reflexões de Cortella, podemos afirmar que o professor não deve se considerar um ser perfeito, construído, ter métodos fechados, tornar-se impermeável e alegar que os alunos não resistem ao seu modo de ensinar, ou seja, não deve um professor ser aquele que pauta seu entendimento numa “arrogância de eficácia”. Este deve ser, sobretudo, um ser que tenha “insatisfação positiva, humildade, noção de urgência e coragem”. Entendemos, dessa forma, que são estas as “virtudes” que um professor deve ter para o bom exercício de seu ofício. Noutras palavras, um professor precisa ter uma insatisfação positiva porque, só querendo saber mais, abrindo mão de orgulho e comodismo, a pessoa consiga aprender novas coisas e acessar novos mundos, por um intermédio de contato com outras pessoas e diálogo construtivista em que você dá e recebe.

Com esse pensamento, o de que um professor deve ser humilde, pois a humildade diferentemente de subserviência não é baixar cabeça, ou acovardar-se face aos transtornos encontrados no exercício do seu professorando, e mais: que é, antes de tudo, saber posicionar, saber escutar e ter o senso crítico consigo mesmo das suas limitações enquanto ser humano e contar com outras mãos amigas e companheiras para te auxiliar, que organizamos o nosso trabalho a ser desenvolvido junto aos alunos do Ensino Médio, para, enfim, “fazer acontecer o trabalho do professor”. Dessa

forma, tivemos, sim, coragem de experimentar novos métodos, de ser curioso e ir além daquilo que parece ter uma resposta imediata e previsível.

Acreditando sempre no que afirma (RIBEIRO, 2006, p.94) “Ser professor é, portanto, um exercício de imaginação de práticas e saberes que regulam as atividades inerentes a exercício da profissão docente. É um alinhavo de saberes pessoais e profissionais nas tramas do cotidiano de educação.” Sendo assim, não despimos da nossa experiência como seres em-educação e seres-humanos em vida cotidiana, entrelaçamos o nosso estar sendo em dupla dimensão partilhando os nossos olhares sobre o conto em debate com a turma.

Com esse embasamento a que tivemos acesso, ou seja, o relato de professores já bastante experientes, e com aparente convicção da importância de seu trabalho, que compreendemos que o exercício da profissão não pode servir de espaço para completar lacunas financeiras para os sujeitos neles envolvidos, pois ninguém opta pelo magistério, segundo Mário Cortella, Leandro Karnal, Clóvis Barros Filho, falando em comum, pura e simplesmente, por desfalque financeiro na sua despesa. Segundo eles, o “ser professor” é, antes de tudo, ter fascínio pelo que faz e, sobretudo, gostar do trabalho do magistério. Ou seja, de uma forma mais clara e integro nos explica Paulo Freire,

Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciabilidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar[...] (p.39 – 40)

Acreditamos que aqui nesta citação resume uma parcela daquilo que ao longo dessa secção buscamos discorrer sobre o exercício do magistério como uma prática que antes de ser uma profissão, demanda um amor e doação íntegro e completo do ser que se dispõe a esta profissão.

3. A EDUCAÇÃO PARA O “SER PROFESSOR”

Sempre a nossa reflexão a respeito de qualquer conceito que tecemos ao longo deste relato vem acompanhado no nosso imaginário construído enquanto ser em deslocamento, mas que carregam em si, o lugar e a cultura que o criou e pela qual começou, primeiro a perceber e depois a significar as coisas. Por esta razão, nosso pensar a educação alinha com a afirmação de Brandão (Sd):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, Sd, p.3)

Ora, se todos nós sujeitos somos sujeitos à educação precisamos pensar com responsabilidade que tipo de educação? Que formas de educação? Quais modos de educar? Devemos adequar a nossa realidade e/ou sociedade que vivemos. Lembrando que não há única forma de educar, nem um lugar privilegiado mais do que o outro para que a educação se aconteça. A sua existência independe da figura de um professor, de uma especialista ou de um mestre. Lembremos a Grécia e seus ensinamentos sobre a educação, exorta Brandão (Sd), quando afirma que, “[...] os gregos ensinam o que hoje esquecemos. A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. (BRANDÃO, Sd, p.21)

Talvez esse deve ser o alinhamento que precisamos tecer nas nossas sociedades ditas “atuais”, em que se concentra a educação numa instituição que detém o privilégio de definir como deve ser, a escola. Esquecendo o que

Brandão nos recorda e que Hamâpté Bâ fala de uma forma clara, precisa e concisa, “Nos educamos na vida”. A nossa vivência é antes de mais uma escola de incontáveis contatos com mais diversas e plurais formas de aprendizado. E estes aprendizados a escola precisa e deve levar em consideração, com vista, a melhor entender os sujeitos que no seu meio se encontra. Valorizando-os como seres já portadores de uma educação, não tábuas rasas a serem preenchidos com o toque mágico da Escola e/ou do modelo de educação que essa instituição oferece. Pois, se para (Kant, apud BRANDÃO, Sd, p.28) "O fim da Educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz." Deve a educação se adequar ao indivíduo e não ela modelar esse indivíduo. Por esta razão, devemos abonar todo,

[...] o ideal da educação que reproduzir uma ordem social idealmente concebida como perfeita e necessária, através da transmissão, de geração a geração, das crenças, valores e habilidades que tornavam um homem tão mais perfeito quanto mais preparado para viver a cidade a que servia. (BRANDÃO, Sd, p.20)

E pautar uma educação libertária que, acreditamos que ela enquanto uma prática construída na base de ajuda mútua da comunidade e da instituição, pode ser sim a educação um instrumento de mudança e avanço. Dizia Paulo Freire,

[...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do "status quo" porque o dominante o decreta. (Freire, 1996, p.43)

Da mesma forma acreditamos e defendemos uma educação esteja ancorada numa ação dialógica, em que a colaboração, a união, a organização e síntese cultural se complementam para construção da verdadeira educação libertária. Sem que um imponha como autoridade. Mas que ambas as partes se respeitam mutuamente no ato de mediação do conhecimento, um dando e recendo. Resumindo Maturana uma educação mais humanista, que zela pelo bem-estar da natureza, que enaltece a

amorosidade e que lute pela não desigualdade, que luta para radicação o abuso e a pobreza e que sobretudo ensina as crianças a não se competirem ou se observarem com adversários, mas como parceiros que juntos transformarão o cenário vigente do caos em que o mundo atual se encontra (Maturana, 1988).

4. PERCURSO SEGUIDO

Nossa exposição, neste relato, se refere, primeiramente, à nossa experiência como estrangeiro: guineenses, de um país situado na costa ocidental da África ocidental, Guiné-Bissau, chegamos ao Brasil (janeiro, 2014), por intermédio de um programa político do governo brasileiro que se pauta em duas bases: na cooperação descentralizada SUL-SUL (América do Sul-África); pela descentralização das universidades nas grandes capitais brasileiras para os interiores e, também, com a internacionalização de algumas dessas universidades, como é o caso as UNILA e UNILAB. Aqui chegamos para estudar na UNILAB - Universidade multicultural, para nós, um autêntico caldeirão de nacionalidades africanas de língua oficial portuguesa (países africanos vinculados à Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa – CPLP).

O nosso contato com a literatura brasileira, e com a literatura de modo geral, deu-se quase que formalmente depois da vinda ao Brasil para o curso de Letras Português. Nosso primeiro contato mais profundo com o Machado que foi nas aulas de literatura a que assistimos, durante o período de março a novembro de 2016.

Machado! Era grito. Machado! Era ruído! Era o cantar dos nossos colegas de turma, seja na sala de aula, no Restaurante Universitário, ou nos corredores... Nós? Perdidos, sem saber quem é esse sujeito, com vergonha de perguntar, nunca mencionado na nossa Guiné... fomos logo à biblioteca, tomar empestado um livro desse autor - “Dom Casmurro”. Foi a primeira obra do Machado lida, na verdade, foi a primeira obra que os colegas sugeriram. Também destacamos as inúmeras menções dos professores ao

nome de Machado de Assis nas nossas primeiras aulas de literatura na Universidade.

Quando, então, em uma das aulas de literatura, nós, já, um tanto amadurecidos, pelas teorias, pelas leituras críticas, pela literatura “prazer de ler”... surgiu o convite de ir a uma escola de Ensino Médio debater os contos de Machado. Logo de início, nos dispomos a participar, possivelmente, em resposta a tudo que aprendemos sobre o autor brasileiro, em tempo tão curto. Seria ele o meio, o ponto nevrálgico de um debate com os alunos na escola: desafio aceito.

O contato foi efetuado com a escola, e três professores aceitaram nos receber nas suas classes. Na turma, cada um dos integrantes dessa atividade elegeu um conto para mediar na sala de aula, no dia determinado para a apresentação. No dia de nossa apresentação, ansiedade total.

Chegamos à escola, bem cedo, pela manhã, e fomos recebidos e encaminhados para sala dos professores, após poucos minutos de espera, nos dirigimos à sala de aula. Foi nesse preciso momento que começou o choque: primeiramente, a organização da turma chamou-nos à atenção, vendo os alunos num formato quase semelhante à meia-lua, num total de 35 estudantes presentes. Tendo vindos de um sistema de ensino em que o habitual era, “[...]organização das salas retangulares, nas quais os alunos sentam em fileiras olhando para nuca da colega, com uma mesa na frente onde senta o professor e um quadro na frente[...] (CANÁRIO, 2006, p.39). O impacto que tivemos logo era de um debate, pois o arranjo da sala, em formato de meia-lua, representava, para nós, menos formalidade e diminuía o distanciamento entre o professor e alunos. Percebendo a diferença no trato do modelo escolar, seguimos naquele ambiente em que o professor titular da sala nos recebeu, de início.

Nos apresentamos à turma; depois, apresentamos o conto “A Cartomante”, contando um pouco do enredo, apresentando algumas pistas e fazendo perguntas à turma. Os/as alunos/as sentiram-se livre com o texto; cada um/a atrelava o enredo com a história que já escutou ou assistiu no

meio onde vive, estes/as alunos/as nos pareceram ter lido boa parte da crítica machadiana, relativa ao conto, pois, aparentemente, se expressaram, demonstrando muito interesse no desenrolar da leitura interpretativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “A cartomante”, cuja leitura levamos à sala de aula, em uma escola de Ensino Médio, nos possibilitou um contato mais direto com os/as alunos/as, e fez despertar em nós, futuros professores, não apenas o desejo, mas o prazer de estar à frente de uma classe, lecionando e interagindo com os alunos, ou seja, exercendo o magistério, ainda que de forma incipiente.

Por fim, participamos que esse espaço foi mais de que uma experiência, pois foi uma marca a ser levada para a vida todo e transplantada para outros sujeitos, que, certamente, levaremos, ao longo do curso de Letras. Com esse espírito de continuidade, acreditamos que o “ser professor” se resume, em linhas gerais, nas falas dos educadores supracitados, no professor anônimo, em sua lida diária, em uma escola do interior do Nordeste brasileiro, ou ainda, no interior de alguma província de nossa Guiné e, ainda, na fala do líder humanista Mahatma Gandhi, que, certa vez, afirmou: “Eu devo ser a transformação que eu quero ver no mundo, eu devo ser a transformação que eu desejo ver no mundo”.

REFERÊNCIA

ASSIS, Machado de. **A Cartomante**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000257.pdf>>. Acesso em 18 de mar. 2017.

BARROS FILHO, Clóvis de. Sou Professor. In: **Território Conhecimento**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M0A5EoOf1ks>>. Acesso em: 04 de mar. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. Disponível em: <<http://www.febac.edu.br/site/images/biblioteca/livros/O%20Que%20e%20Educacao%20-%20Carlos%20Rodrigues%20Brandao.pdf>>. Acesso 16 de out. de 2017.

CANÁRIO, Rui. Escola: Crise ou Mutação? In: A Escola tem Futuro? 12ª ed. Porto Alegre, Editora Penso, 2006.

Fiandeiras do cotidiano: um alinhavo de saberes pessoais e profissionais nas tramas da educação. In: RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Na teia de Penélope: metáforas na educação**. Campinas: Pontes Editora, 2013. p. 81-94.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CORTELLA, Mario Sérgio. Qual é a postura ideal de um professor? In:

Território Conhecimento. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=seiw4gwsfYA>>. Acesso em 11 de mar. 2017.

KARNAL, Leando. Sou Professor | O que é ser professor?. In: **Território Conhecimento**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ZpRIldxYj74&t=12s>>. Acesso em 04 de mar. 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SILVA, Daniela Santos de; SALES, Germana Maria Araújo. Trajetória do conto “A cartomante”, do escritor Machado de Assis na Folha do Norte.

Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SILVA, Janiane Ribeiro da. **A cartomante: tragédia revestida de ironia**.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual de Paraíba Campus Osmar de Aquino departamento de Letras e Educação Curso de Graduação de Letras, Paraíba, 2014.